

RESÍDUOS DO SIRVENTÊS MORAL EM VERBO ENCARNADO DE ROBERTO PONTES

RESIDUES OF THE MORAL SIRVENTES IN VERBO ENCARNADO BY ROBERTO PONTES

Victória Pereira Vasconcelos de Abreu
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1197-7962>

Enviado em: 03/02/2025

Aceito em: 25/03/2025

Publicado em: 18/06/2025

Resumo: Publicado em 1996, *Verbo encarnado* é um livro de poemas do escritor cearense Roberto Pontes, integrante da Geração de 60 da literatura brasileira, associado especialmente à vertente do “Protesto Social”, marcada por uma expressiva dimensão política e contestatória, motivada pelo contexto da ditadura militar instaurada em 1964. A veia poética insurgente presente na obra remete, de forma ressonante, a uma tradição literária anterior — o sirventês — composição de caráter político cultivada por trovadores medievais. Estabelecendo um paralelo entre a poesia trovadoresca e a produção poética de Pontes, este artigo tem como propósito investigar de que maneira traços remanescentes dessa poética de fundo moral se mantêm e se projetam em manifestações literárias contemporâneas, como a presente na obra em questão, produzida na década de 1990 no Brasil. Por meio de uma análise comparativa entre poemas identificados com o sirventês e composições da lírica de Roberto Pontes, buscamos identificar permanências e transformações que evidenciem a persistência de uma visão poética na outra. Para isso, fundamentamo-nos na Teoria da Residualidade, cuja abordagem permite o confronto entre sistemas poéticos distintos a partir de conceitos como resíduo, mentalidade, imaginário, cristalização, endoculturação e hibridação cultural. Complementamos nosso referencial metodológico com aportes da Literatura Comparada, cuja natureza interdisciplinar favorece o exame de aspectos históricos, temporais, culturais e sociais indispensáveis à condução das análises.

PALAVRAS-CHAVE: Sirventês; Residualidade; Poesia insubmissa; Roberto Pontes; Sirventês moral.

Abstract: Published in 1996, *Verbo encarnado* is a book of poems by the writer from Ceará, Roberto Pontes, a member of the 1960s Generation of Brazilian literature, especially associated with the “Social Protest” trend, marked by a strong political and critical dimension, motivated by the context of the military dictatorship established in 1964. The insurgent poetic vein present in the work resonates with an earlier literary tradition — the *sirventes* — a type of

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

politically charged composition cultivated by medieval troubadours. Drawing a parallel between troubadour poetry and Pontes' poetic production, this article aims to investigate how remnants of this morally grounded poetics persist and project themselves into contemporary literary manifestations, such as the one found in this work, produced in Brazil in the 1990s. Through a comparative analysis between poems identified with the *sirventes* and compositions from Roberto Pontes' lyricism, we seek to identify continuities and transformations that highlight the persistence of one poetic vision within the other. To this end, we base our study on the Theory of Residuality, whose approach allows for the confrontation between distinct poetic systems through concepts such as residue, mentality, imagination, crystallization, enculturation, and cultural hybridization. We complement our methodological framework with insights from Comparative Literature, whose interdisciplinary nature favors the examination of historical, temporal, cultural, and social aspects essential to the development of the analyses.

KEYWORDS: *sirventes*; residuality; insubordinate poetry; Roberto Pontes; moral *sirventes*.

Introdução

O sirventês moral faz parte do sexto grupo de sátiras definido por Lapa (1973) e abrange textos que, além de denunciar os vícios e maus costumes de uma sociedade, aspiram pela mudança completa da postura vigente. Sobre isso, Toledo esclarece:

[...] são, via de regra, composições genéricas, de maldizer do mundo e da vida; desabafos de quem anseia por uma mudança radical do status quo e não vê como isso possa acontecer. Lamentam a subversão de valores, a falta de verdade, lealdade, amor, amizade. Recordam, com saudade, um pretenso passado, em que floresciam as virtudes. (Toledo, 2018, p.69)

Desse modo, os objetivos do discurso satírico se baseiam em ações que tem como premissa a reforma, a moralização, a correção, a restauração, a conversão, o reestabelecimento, a remodelação, a substituição, dentre outros significados que exerçam a função de modificar os atos e sentidos da sociedade que são inversos ao que o satirizador acredita e vivencia em sua vida pessoal, política e pessoal.

Para Northrop Frye: “o satirista tem de selecionar suas absurdices, e o ato de selecionar é um ato moral” (1973, p. 220). As “absurdices” citadas serão exatamente o alvo do discurso poético de combate e os critérios para essa seleção partem

integralmente de princípios que são considerados sem valor para o poeta: covardia, hipocrisia, maldade, egoísmo, exploração do trabalho, preconceito. Assim sobre essas normas aceitas por um determinado momento da sociedade Carlos E. Fantinatti teceu considerações nos seguintes termos:

Só quem representa uma norma aceita pelo menos por um grupo possui, perante esse grupo, autoridade para realizar um ataque agressivo. Tal fato não constitui problema nos períodos históricos estáveis e consolidados, quando a sátira ataca desvios das normas admitidas por toda a sociedade. Mas nos momentos históricos de ruptura e turbulência, quando novos valores põem em questão velhos valores, e estes se postam satiricamente contra as ameaças daqueles, fica mais difícil haver concordância sobre normas. Isso não é menos válido para sociedades pluralistas como as de nosso tempo. (Fantinatti, 1994, p. 207)

Desse modo, o sirventês moral buscava abordar em seus versos as desordens sociais do mundo naquela época que enfatizavam, em sua maioria, a avareza dos senhores feudais, a falta de sentimentos nos recintos reais e os valores cavaleirescos que estavam decadentes.

Resíduos do Sirventês Moral em Poemas de Implicância Social De Verbo Encarnado

A categoria que agora abordaremos tem essa denominação no sentido de envolvimento, participação e comprometimento. Os poemas aqui analisados demonstrarão o caráter de compromisso social do poeta Roberto Pontes com a sua realidade, expressando insatisfações com as atitudes que não representam o que ele considera como importante para uma sociedade mais justa e fraterna. A denúncia dos problemas sociais se dá em questões como a exploração do trabalho, a desigualdade social, as injustiças contra os mais pobres e oprimidos, a fome, a miséria, as guerras, a expansão do capitalismo desenfreado, a hipocrisia e egoísmo dos que fecham os olhos para as perversidades que eram cometidas contra as nações, em especial, na *terra brasilis*.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

O retrato do cotidiano é impresso nos versos de Roberto Pontes como uma forma de anunciar o que estava acontecendo nas camadas sociais mais desfavorecidas. A luta das oposições, como riqueza e pobreza, poder e humildade, opressor e oprimido são aspectos recorrentes nos versos que compõem esta categoria. O foco do poeta volta-se para as problemáticas sociais que ultrapassam o seu tempo e o seu espaço, e as motivações da escrita que parecem ser pessoais tornam-se problemáticas de toda uma comunidade. A respeito das temáticas expostas por poetas que denunciam as mazelas sociais, Pedro Lyra escreveu:

Essa superação do motivo pessoal pelo motivo social, como exigência da arte identificada com nossa época, já fora anunciada por Hegel: “O emprego de elementos naturais, outrora tão utilizados na arte, acabou por enfadear” Quer dizer: se o nível semântico da arte já não é preenchido por uma temática natural, é porque está preenchido por uma temática social. E o social típico do nosso tempo é esse aí: grito, clamor, guerrilha, quebrar de algemas, expulsão de invasores, para as finalidades que o poeta indica: a conquista de um céu indiviso e de um chão comum, ou seja: a felicidade do ser humano, assim na terra como no céu. Essas lutas sociais polarizam o nosso tempo e envolveram tudo, - tudo, inclusive a arte. Que tomou parte nessa luta. Uma luta muito conhecida de todos: desenvolvidos x subdesenvolvidos, ricos x pobres, poderosos x humildes, opressores x oprimidos, etc. E a arte tomou abertamente o partido dos subdesenvolvidos, dos pobres, dos humildes, dos oprimidos, ou seja, dos injustiçados. (Lyra, 1981, p. 87)

Roberto Pontes parece ouvir a voz desafortunada do povo brasileiro e a transpõe para a sua obra. Partindo de situações que vivenciava, procurou abarcar todo o contexto social e econômico no qual se inseria e, através da poesia, lançou palavras certeiras contra os acontecimentos de um cotidiano adverso.

O primeiro poema escolhido para a categoria é “Gemedreira da floreira”. A “gemedreira” é uma espécie de cantiga popular nordestina caracterizada por seis versos e a interposição entre o quinto e o sexto de um estribilho formado por um verso de quatro sílabas constituído por interjeições denotativas de sofrimento: –ai! ai! ui! ui! Passemos ao poema:

GEMEDEIRA DA FLOREIRA

Encovados olhos negros
por detrás duma touceira
de arame, cola e papel
e cores que estão na feira
para alimentar um filho
ai! ai! ui! ui!
da filha desta floreira.

Florista fabrica flores
para as jarras de alto luxo
para os bolsos de alta venda
e oferta flor de cartuxo
estendendo os dedinhos
ai! ai! ui! ui!
mais roxos que o próprio roxo.

Florista fabrica flores
e seu ritual de rua
é um bailado sem som
um triste cantar de loa
a Estrela d'Alva sem luz
ai! ai! ui! ui!
e a borboleta na lua.
(Pontes, 1996, p. 31)

Como se lê na transcrição acima, as interjeições “ai! ai! ui! ui!” representam um tom lamentoso em meio ao louvor ao trabalho das floreiras. Em “Nota posterior” Roberto Pontes afirma que: “aproveita uma forma popular nordestina, a gemedreira. Flagra o trabalho das miseráveis vendedoras de flores secas e coloridas da Rua Major Facundo, no centro de Fortaleza”. O resíduo do sirventês moral se caracteriza aqui pela importância que o poeta dá ao trabalho tão desvalorizado das mulheres que exercem esse ofício.

Na primeira estrofe, percebemos certa vergonha que há no rosto dessas trabalhadoras tão tímidas a vender seu produto se escondendo por trás do espesso maço de flores: “encovados olhos negros/ por detrás de uma touceira”. Logo em seguida nos é revelado pelo eu-poético que a razão de exercer aquela atividade mesmo sem o merecido reconhecimento é :”alimentar um filho/[...]/ da filha desta floreira”.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

Na segunda estrofe, evidencia-se a diferença de classe social, pois o proletário, no caso aqui a florista, comercializa seu produto para uma classe nobre e luxuosa: “florista fabrica flores/ para as jarras de alto luxo/ para os bolsos de alta venda”. Na última estrofe, o eu lírico torna visível a depreciação com a qual o ofício é encarado, na falta de beleza e alegria: “florista fabrica flores/ e seu ritual de rua/ é um bailado sem som”. Nos versos finais é comparado a “um triste cantar de loa”, antigas e plangentes cantigas de trabalho de barqueiros, conhecidas por seu tom dramático, pela dureza do ofício. Talvez, por esta razão, também o ofício das floreiras, igualmente difícil, seja associado “a Estrela d’Alva sem luz”. Ressalta-se o paradoxo da questão: As flores são signos de beleza e a situação de quem as vende é triste e dolorosa.

A consciência atenta do poeta diante das mazelas sociais também é característica encontrada nos trovadores de sátiras. Sobre a visão que o satirista deve ter para revelar novos olhares sobre a sociedade, Soethe (2003, p.161) nos fala: “sinal dessa importância do olhar para o satirista é a figura mitológica de Argos, também chamado Panoptes. Sua imagem, a de um homem cujo corpo todo é coberto por olhos, teria servido de emblema da corporação dos autores satíricos”.

Outro poema que também nos traz o retrato de uma sociedade decadente é “Os nossos meninos azuis”, no qual o poeta descreve, de maneira detalhada, aspectos físicos que demonstram a miséria do povo brasileiro, em especial, nesse poema sobre uma pintura, retratando crianças pobres, cujo colorido de azul, cor representativa da placidez do céu e do mar, não condiz com a real situação das personagens:

OS NOSSOS MENINOS AZUIS *A Descartes Gadelha*

As flores do esqueleto
São minério e cor.

Boninas há nos olhos.
Os lábios são escamas.

Aos dedos chamo bilros.

Aos cabelinhos, penas.

E ali – onde havia um diamante –
A incrustação vazia da riqueza.

Cai do queixo a interrogação
Tatuada nos rostos de abismo.

Como criança
Virá contigo a fada
Ou dois meninos
Desses tristes mesmo?
(Pontes, 1996, p. 42)

O poema é dedicado a Descartes Gadelha, pintor cearense que retrata em suas obras, com linguagem expressionista, marcas da cultura, da religiosidade e das mazelas sociais do Ceará. Uma de suas exposições de maior destaque é “Cicatrizes submersas”, a qual conta com mais de cem obras expressando a história de Antônio Conselheiro no sertão de Canudos. O artista conterrâneo de Roberto Pontes é parceiro e companheiro em demonstrar, através de sua arte, as aflições de seu povo.

Em “Nota posterior”, Roberto Pontes explica as circunstâncias do surgimento do poema:

É sobre o quadro a mim oferecido por Descartes Gadelha, com dedicatória no verso: “Roberto, não deixe as rosas cair”. Como o Descartes pode ver, continuo com as rosas nas mãos, mais vermelhas do que nunca, quem sabe influindo até na opção do título deste livro. Que outras mãos não tenham tido a mesma firmeza, lamento. Para esclarecer: Descartes pintou duas meninas humilíssimas, paupérrimas, tom sobre tom em azul. Elas levam rosas esquálidas para não sei onde. (Pontes, 1996, p. 103)

Depois da descrição do quadro feita por Roberto Pontes, podemos entender que a obra retrata uma realidade social cruel de pobreza e miséria vivida no país.

O poema retrata a pobreza e a miséria de crianças desvalidas: “As flores do esqueleto”, “os lábios são escamas”, “Aos dedos chamo bilros”, “Aos cabelinhos, penas”. As imagens condensadas pelo poeta demonstram um estado triste de quase

inanição. No quadro e no poema a tônica é de desalento, pois até as flores que poderiam significar beleza e enterneçimento, são de cor lilás, simbolizando a tristeza que as crianças trazem no olhar.

O retrato de uma grande parcela da população é bem representado nas duas formas de arte: literatura e pintura. Irmanados na dor e no sofrimento humano poeta e pintor se sagram artistas insurgentes e críticos de uma realidade desigual.

O próximo poema nos traz o ataque aos homens que através da hipocrisia se calam diante das barbaridades cometidas por seus semelhantes. Eis os versos:

POEMA SOBRE A BATATA

Ela está ficando podre
como a batata caída
imóvel na terra suja
onde o sonho foi sepulto.

Uma batata não sabe
alçar-se do solo turvo.
Se soubesse não seria
um corpo se decompondo.

A batata tem seu uso
como toda coisa forma.
E para mantê-la viva
há as naturezas-mortas.

Ela é como a pessoa
que se perde dos princípios
imóvel na terra suja
onde vai fedendo forte.
(Pontes, 1996, p. 85)

O poema trata da perda de princípios dos que se deixam corromper e apodrecem feito batatas que caem na terra suja.

Em “Nota posterior” lemos que o poema “é para os que já foram importantes algum dia, mas apodreceram logo que se distanciaram de princípios essenciais” (Pontes, 1996, p. 107). Através do uso da metáfora sobre a batata e seu cultivo, o poeta

retoma, de maneira residual, característica bastante utilizada nos cantares satíricos dos trovadores.

Importante salientar que o recurso das figuras de linguagem era bastante utilizado na poesia trovadoresca medieval. Além da metáfora, os satiristas usavam também a hipérbole, a ironia, a comparação e a sinédoque.

Na primeira estrofe fica claro que as pessoas, assim como as batatas, ao caírem na terra suja apodrecem. Assim também os indivíduos que pisam em solo ruim e se envolvem em situações e com pessoas de atitudes duvidosas também apodrecem como serem humanos porque se deixam levar por interesses escusos.

Na segunda estrofe, vemos que a consequência de tais fraquezas humanas levam à impossibilidade de retorno da situação de vileza: “Uma batata não sabe/ alçar-se do solo turvo”.

Na terceira estrofe, o cultivo da batata é de valia para a interpretação. As batatas depois de plantadas devem ser colhidas quando as ramas estiverem amareladas e os tubérculos se soltando, após isso devem ser deixados para secar e só depois de secas é possível à colheita. As pessoas também se encontram no mesmo estado, têm sua utilidade mometânea, mas parecem estar inertes em solo fétido: “e para mantê-la viva/ há as naturezas-mortas”.

Na estrofe final, o poeta conclui a comparação entre a pessoa e a batata, arrematando a sua visão sobre os covardes: “ela é como a pessoa/ que se perde dos princípios/ imóvel na terra suja/ onde vai fedendo forte”. Os valores perdidos, como a coragem, a ousadia, a dignidade, e o espírito de coletividade não são mais recuperados pelos que se deixaram levar pelas vantagens individuais e efêmeras. Eis o que se traduziu do poema.

O poema que agora analisaremos traz a subjetividade do discurso poético em demonstrar a busca por respostas sobre a identidade e o destino da humanidade e do planeta Terra. Dúvidas existenciais sobre o sentido das coisas e dos homens dominam o eu-poético nesses versos:

DIDÁTICA DO HOMEM

A Expedito Parente

Que sentido tem a água?
Matar a sede do homem.
Fazer florescer as plantas.

Que sentido tem o chão?
Apoiar pés que trabalham.
Transformar corpos que morrem.

Que sentido tem o homem?

Que sentido tem o céu?
Tingir os olhos de azul.
Deixar voar qualquer asa.

Que sentido tem o sol?
Enrubescer qualquer face.
Purificar o impuro.

Que sentido tem o homem?

Que sentido tem a lua?
Repousar a natureza.
Deixar vir o outro dia.

E assim outros versos seguirão
Até não ter mais sentido
O meu próprio perguntar.

Que sentido tem o homem?

Acusar o seu vizinho.
Matar por nesga de terra.
Invadir país amigo.
Fabricar santas prisões.
Executar por castigo.
Lançar bombas sobre os outros.

Homem, o homem terá sentido?
(Pontes, 1996, p. 41)

O poema acima traz em seu título a palavra “didática” que é oriunda do grego *Τεχνή διδακτική* (*techné didaktikē*) e significa a arte ou técnica de ensinar, de

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

transmitir conhecimento e é dedicado a Expedito Parente, o engenheiro químico brasileiro inventor do biodiesel.

Em “Nota posterior”, Roberto Pontes traz a assertiva: “registrado após uma conversa com Expedito Parente, parceiro-amigo em composições musicais, pianista e químico, talvez o único gênio que conheço” (Pontes, 1996, p. 103).

As estrofes do poema são constituídas de perguntas retóricas que têm como objetivo construir a semântica de uma vida. Percebe-se nos versos a intenção em contrapor homem e natureza ao se trazer elementos naturais essenciais para a descoberta do sentido humano. Os elementos são “água”, “chão”, “sol” e “lua” e as respostas são sempre com recursos subjetivos. Entre as indagações constantes nos versos, uma fica sem resposta até quase o final do poema: “Que sentido tem o homem?.

Nos versos finais, a pergunta-chave sobre o sentido do homem acaba se tornando um instrumento eficaz de denúncias que são lançadas em sequência ocasionando mais questionamentos do que dando respostas:

Que sentido tem o homem?

Acusar o seu vizinho.
Matar por nesga de terra.
Invadir país amigo.
Fabricar santas prisões.
Executar por castigo.
Lançar bombas sobre os outros.

Homem, o homem terá sentido?

Temos aí uma lista de atitudes amorais que o homem pratica contra os outros homens: “Acusar o seu vizinho”, simboliza aqui a incriminação do outro, sem sequer voltar o olhar a si, a culpa sempre será do alheio sem dar-se conta das falhas do acusador. “Matar por nesga de terra”, representando os inúmeros assassinatos ocasionados pelo interesse desmedido da posse de territórios por uns poucos, quando muitos não têm moradia ou terra para plantar e garantir o mínimo para o sustento.

Não se pode esquecer nesse ponto os nativos da terra, os indígenas, perseguidos e desterritorializados pela exploração das riquezas naturais a exemplo da madeira e dos minérios. O prejuízo vai além, pois matam e promovem um verdadeiro etnocídio.

O próximo verso “Invadir país amigo” nos remete às apropriações de terras alheias sem medir esforços por conquistas em prol do benefício lucrativo e soberania econômica e social. “Fabricar santas prisões” associa-se ao encarceramento por má fé, forte argumento para dominar as mentes através do fanatismo e abater as pessoas e suas crenças. “Executar por castigo” manifesta as barbaridades como a tortura a morte, ou melhor, a banalização da morte. Por fim, “Lançar bombas sobre os outros” representando as inúmeras guerras ao redor do mundo com bombardeios que destroem cidades inteiras e deixam na orfandade milhares de crianças. Tudo por ganância.

Todos os conflitos listados pelo poeta são considerados crimes contra a humanidade e uma afronta aos ideais de igualdade, soberania, dignidade e liberdade.

Sobre essa realidade de opressão e conflito em prol dos interesses individuais, assunto tão bem difundido na obra *Verbo encarnado*, as pesquisadoras Cássia Silva e Mary Leitão em artigo publicado aclaram: “*Verbo Encarnado* surge como memória de um indivíduo que, além de sentir na pele os referidos desmandos de um governo antidemocrático, tornou-se representante de uma coletividade ao trazer à tona a mancha de uma época que não deve ser esquecida” (Silva, Leitão, 2021, p.47).

A respeito dos valores que são defendidos pelos poetas em seus textos literários, Soethe (2003, p. 170 *apud* Gaier 1967, p.442-443) revela: “o ponto de vista assumido para a seleção e abordagem do mundo é o valor que os episódios têm para a história e para o interesse dos leitores. O que determina tal valor é a consciência do autor, que configura o mundo e determina com isso as funções e relações de seus elementos individuais”.

Considerações finais

A análise dos poemas de *Verbo encarnado* revelou a permanência significativa de traços do sirventês moral na lírica de Roberto Pontes, especialmente na forma como o poeta assume uma postura crítica diante das injustiças sociais e das contradições humanas. Por meio de uma linguagem simbólica e por vezes pungente, observamos que Pontes atualiza a função social do poeta-satirista medieval, repositionando-a no contexto brasileiro do final do século XX.

A partir da Teoria da Residualidade, foi possível evidenciar que elementos como a denúncia, o inconformismo, o apelo à ética e a busca por um ideal coletivo permanecem vivos na poesia de protesto de Pontes, ainda que transmutados pela linguagem moderna e pelas urgências de seu tempo. A crítica ao poder, à hipocrisia e à desigualdade social assume contornos que dialogam com a tradição trovadoresca e, ao mesmo tempo, expressam a singularidade de uma voz poética profundamente enraizada em sua realidade histórica e cultural.

Dessa forma, concluímos que a obra de Roberto Pontes não apenas resgata uma tradição crítica e moral da literatura ocidental, mas a reinscreve em novos moldes, reafirmando o compromisso ético e transformador da poesia. O estudo do sirventês moral como resíduo na produção contemporânea mostrou-se, assim, uma via promissora para compreendermos os atravessamentos entre passado e presente na literatura de combate.

Referências

FANTINATTI, Carlos Eduardo. Contribuição à teoria e ao ensino da sátira. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 2., 1994, Assis. *Anais...* Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, v. 2, p. 205–210.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GAIER, Ulrich. *Satire: Studien zu Neidhart, Wittenwiler, Brant und zur satirischen Schreibart*. Tübingen: Max Niemeyer, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/978311562759>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 8. ed. rev. Coimbra: Coimbra Editora, 1973.
- LYRA, Pedro. Poesia e libertação em Roberto Pontes. In: _____. *Poesia cearense e realidade atual*. Rio de Janeiro; Brasília: Cátedra; INL, 1981. p. 141–150. Disponível em: <http://www.secretel.com.br/jpoesia/rpon.html>. Acesso em: 10 maio 2025.
- PONTES, Roberto. *Verbo encarnado*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1996.
- SILVA, Cássia; LEITÃO, Mary. Entre o caos e a esperança: a humanização a partir de *Verbo encarnado*, de Roberto Pontes. In: *Ceará em foco: estudos críticos sobre obras de autores cearenses*. Pimenta Cultural, 2021. ISBN 978-65-5939-116-5.
- SOETHE, Paulo Astor. “Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60”. *Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, Florianópolis, v. 25, p. 157–174, 2003.
- TOLEDO, Maleine Paula Marcondes e Ferreira de. *Mais mole que manteiga (da realidade à utopia na sátira política medieval galego-portuguesa)*. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Vigo, Escola Internacional de Doutoramento, Pontevedra, Espanha, 2018. 419 p.